

Discurso de Paraninfo de Turma - Colégio Lustosa

Exmo. Sr. Presidente da Mesa
Exmo. Revmo. Sr. Padre Diretor do Ginásio D. Lustosa
Exmo. Sr. Dr. Prefeito Municipal
Exmo. Sr. Dr. Promotor de Justiça
Revmas. Irmãs
Revmos. Padres
Minhas senhoras
Meus senhores
Meus caros amigos bacharelados

Dentro das complicadas e esquisitas reações da alma do homem, ainda se processa o mesmo fenômeno da variabilidade extrema, previsto um dia por um filósofo francês do século passado.

Somos, verdadeiramente, na transitoriedade chocante da existência, tímidas cobaias grandes que se prestam às experiências profundas de um grande químico.

Tudo se transforma e tudo se renova, na ordem natural dos fatos humanos.

Tiradentes, conspirando contra a coroa de Portugal, foi preso e executado na manhã histórica de vinte e um de abril; hoje, exemplo heróico de patriotismo e coragem, deixa de ser o criminoso caracterizado pelas leis do tempo, para se transformar num símbolo de raça e numa significação nacional.

Fatos que se refletem, hoje, na alma da gente, provocando reações sinceras de prazer, repetem-se, amanhã, na consequência dolorosa de uma saudade incontida, no subconsciente velado de uma lembrança que se não apagou ainda.

Justamente, há dez anos atrás, eu vivia um dia igual ao que vocês vivem hoje, meus caros amigos bacharelados.

Então, eu tinha a alma de adolescente enfeitada de esperanças e cantavam, dentro de mim, as pompas gloriosas de um coração menino.

Eu via a vida como vocês a vêem agora, cheia de manhãs iluminadas de sol primaveril, com as noites fugaces de inquietações e de dúvidas povoadas de estrelas que simbolizavam o advento de novas alvoradas.

Agora, integrado no tumulto violento da vida prática, eu voltei de minha viagem de fantasia, trazendo, apenas, como bagagem resumida, uma saudade imensa dos dias que já passaram.

Ao par de uma recordação que é suave, mas que apunhala, vocês me deram, hoje, a oportunidade boa de viver, mais uma vez, a minha grande saudade.

Vou atribuir à nossa amizade de colegas e de companheiros de estudos, este gesto, que me comove e que me honra, partido de vocês, convidando-me para ser paraninfo da turma de que fazem parte.

Sem ter ainda o traquejo experimentado e firme, daqueles que aprenderam, no livro da vida, os maiores segredos e as melhores páginas, as minhas palavras, para vocês, nesta hora tão decisiva para os destinos da turma, terão, tão somente, o valor da sinceridade consubstanciado na estima e na amizade.

Nós fomos, no decorrer do último curso, companheiros que aprendiam no mesmo livro, amigos que se orientavam sobre igual matéria, colegas que procuravam as mesmas belezas do mundo literário brasileiro.

Assim, não me aventurando em indicar rumos e traçar caminhos definidos, serei, como paraninfo, um colega mais velho que vai falar com a alma, para o coração de vocês.

Agradecido e honrado com este convite que me sensibilizou, eu deixarei, na página mais íntima de lembranças boas de minha alma, a gravação de meu reconhecimento sincero e profundo.

A memória, mármore onde se gravam, leve ou profundamente, as impressões exteriores que incidem sobre o senso psíquico, retém, no imperecível traçado de vincos mais profundos, aquelas impressões transmitidas pela afetividade.

Por isto, meus caros amigos, e porque o gesto de vocês teve, para mim, a significação concreta de sincera estima, eu irei, pelo futuro afora, acompanhando a vida de cada um, triunfando nos seus triunfos e sofrendo nos seus contratempos.

E, se valem os bons augúrios que têm a vantagem de ser sinceros, contem vocês, no decorrer do caminho que se aproxima, com os dias claros de um céu sem nuvem e com as águas mansas de um lago sereno e azul.

Para isto, se os meus votos não têm, na ordem misteriosa das coisas humanas, a influência real que a metáfora empresta, vocês contam, toda a turma, com a alavanca poderosa da inteligência de cada um e com a força de vontade, serena e forte, que vem caracterizando a mocidade que surge, para a formação de nova pátria brasileira.

Beneficiados como são, pelos dotes de espírito e de alma, continuarão, sem peias e entraves, marchando para a frente, na concretização dos ideais e dos sonhos concebidos.

São estes os meus votos mais ardentes.

É fato indiscutível e aceito que a origem de todas as sociedades é a família.

O homem primitivo, isolado na selvageria bruta de um meio ambiente formidavelmente bravo e adverso, lutava, sozinho, contra as circunstâncias terríveis dos primeiros dias do mundo criado.

Fera contra fera, o homem e o animal, no mesmo combate pela vida e pela perpetuação da espécie, lutavam, selvagens e intrépidos, no palco em formação da natureza que se abria para as primeiras manhãs.

Na brutalidade primitiva dos primeiros combates, o homem parecia vencido ante às forças unidas da natureza em bloco.

A experiência gerou a idéia de associação para a defesa.

E, os silvanos brutais, mais feras do que homens, sob a benção dos céus e a alegria das coisas, uniram-se em família e se tornaram invencíveis.

Caminhou, pelos séculos afora, a concepção da família, vencendo, com a lógica sadia das conseqüências e dos fatos provados, o individualismo primitivo, inadequado para a conservação integral da espécie humana.

Mas, dentro da idéia geral de família, dentro do círculo maior onde se encerram as concepções e idéias inerentes a este conceito de associação, outros círculos concêntricos se traçam, encerrando a atividade do indivíduo, em seu trabalho próprio, dentro da comunidade.

Se a própria natureza do homem reclama a vida em sociedade, na afirmação diária de que somos animais sociais e sociáveis, é preciso que se distinga, na ordem geral dos movimentos e das atividades, a atividade e o movimento do indivíduo, órgão de funções próprias, colaborando para o equilíbrio e a estabilidade do organismo inteiro.

Enquanto nimbado ainda, com a proteção da infância descuidada e com a incerteza titubeante da adolescência fantasista, o homem ainda é parte integrante e inerte do

organismo geral, sem funções próprias de atividade e sem movimentos definitivos em favor do conjunto geral.

Mas, a liberdade é a consequência da natureza humana, como a razão afirma e como repete Jacques Rousseau, no seu estudo sobre o contrato social.

Sua primeira lei, continua o sociólogo, é a de velar por sua própria conservação; seus primeiros cuidados são os que devem a si mesmo e, uma vez na idade da razão, sendo ele o juiz dos meios adstritos e sua própria conservação, fica, por isto, senhor de si mesmo.

Independente e desligado, aparentemente, do organismo comum, o indivíduo senhor da inteligência e da razão, passa a agir por conta própria, na colaboração da vida social.

Fator de esforço e de trabalho, cumprindo o destino bíblico de conquistar a própria manutenção, o homem livre e senhor de seus atos escolhe, racional que é, as atividades que irá desenvolver, de acordo com as suas possibilidades e as suas tendências próprias.

O dinamismo da vida atual, ocasionado por circunstâncias profundas que estão complicando a simplicidade da existência humana, tem forçado a torção desta regra universal, lançando, para borborinho do trabalho, da luta e do sofrimento, a atividade forçada e perigosa da própria criança.

Somos radicalmente contrários à idéia exótica do aproveitamento destas forças em formação.

Sem a ampla visão da crueldade da vida, a criança não pode, em paralelo com as forças organizadas do homem adulto, concorrer para a vida comum, trocando a escola pela oficina e o livro pela fábrica.

No laboratório em que se operam a formação da alma, do caráter e da individualidade, a criança é, ainda, uma reação que se não formou, uma potencialidade latente que não pode e não deve ser aproveitada.

Mas, quando a escola primária já plantou, na alma infantil, as primeiras sementes orientadoras da árvore da vida; quando a própria lição, de quinze anos de existência, já se encarregou de firmar e consolidar os conceitos naturais existentes na inteligência e no espírito humanos, então o indivíduo está apto para a grande luta, formado para o supremo embate.

Então, congregando a inteligência à experiência, unindo a força do espírito ao dinamismo dos braços, o homem deve lutar e se esforçar, para cumprimento sagrado de seu destino inevitável.

A preparação dos cursos secundários tem a finalidade bonita de temperar melhor o espírito, a inteligência e a vontade, preparando, para funções mais altas, mas igualmente nobres, elementos que se destinam a atividades mais complexas de finalidades humanas.

O curso primário esboça, traça, delineia.

Os estudos secundários dão firmeza à imagem, na coloração de novas tintas, na revisão cuidadosa dos traços que tomam vida.

Espírito que se tornou senhor de segredos magníficos da conquista humana, o detentor de um diploma secundário, está indicado, pela própria razão lógica das coisas, a missões delicadas que se cumprem com a inteligência, no manejo adequado de conhecimentos adquiridos.

O trabalho, qualquer que seja ele, tem a significação honrosa de uma vitória, tem a epopéia grandiosa de um triunfo esplêndido.

Na fábrica ou na cátedra, no campo ou na tribuna, no púlpito ou na imprensa, no laboratório ou na escola, o nome é de igual forma digno e de igual forma integrado em seu dever de consciência.

Mas, há razões superiores que, muitas vezes, definem um destino e estabelecem um plano de vida.

Uma destas razões supremas e poderosa é a razão nacional.

Esparta lutava, nos dias brumosos da Grécia antiga, destruindo-se no horror das guerras fratricidas, consumindo-se na hecatombe dolorosa dos combates sangrentos.

Periclitava, para a pátria dos Dorios, a supremacia do Peloponeso.

Os soldados, se bem que muitas vezes vencedores, voltavam, dentro de seus escudos, mortos para a glória eterna da pátria bem amada.

E a grande lei se ditou, então, nesta terra de bravos e de valentes.

Precisavam-se soldados para a perpetuação das vitórias e para a consolidação do domínio.

A criança, aos sete anos de idade, era entregue ao estado, que fazia dela um guerreiro audaz para a defesa do solo.

A razão nacional decidiu das vocações.

Jorge Amado, em seu livro admirável, "O Mar Morto", conta a grande mágoa de um velho canoeiro que viu um filho abandonar o mar e se fazer vendeiro no barulho da cidade.

Filho da praia branca, destinado aos serviços de Yemanjá no dorso esquivo das ondas, não poderia fugir ao destino do berço; deveria, como o foram o pai e o avô, ser canoeiro também e morrer no mar, entre a festa de artifício das tempestades terríveis. A necessidade de seguir os rebanhos, levados pela fome, a outras pastagens, determinou a conquista do vale do Danúbio pelas hordas pastoris dos primitivos Celtas.

Em todas as páginas escritas pela ação do homem, no decorrer da História, vemos a razão nacional ditando rumos para o trabalho de um povo, traçando estradas para o emprego de atividades comuns.

O Brasil, no momento que passa, tem, por sua vez, uma grande razão nacional que estabelece planos e deveres para os seus filhos.

Estamos construindo uma pátria nova, sobre os escombros inúteis de duas revoluções falidas.

Estamos vivendo os mesmos dias da França dos Enciclopedistas, firmando, para a posteridade, a tábuia sagrada dos direitos do homem brasileiro.

Venceram, na grande revolução que derrubou a monarquia francesa, as palavras profundas de Montesquieu e Rousseau, o sorriso irônico de Voltaire e a eloquência bárbara de Desmoulins e de Robespierre.

O Brasil, saído da balbúrdia estupefacente dos regimes falidos, ainda hesita, preocupado e incerto, na procura do caminho que leva ao destino firme.

É preciso que, na hora da renovação e de novas construções, falem, pela pátria, a voz dos intelectuais e a palavra das cátedras.

Não se constrói uma pátria e não se estabelece um regime firme com o descontrolo das massas enfurecidas, nem com a passividade criminosa de homens indiferentes.

Somente a velha experiência, buscada no estudo cuidadoso e honesto, da vida dos velhos povos, poderá originar uma conclusão que corresponda às grandes finalidades brasileiras.

Neste momento decisivo e importante para a vida nacional, cabe aos intelectuais a responsabilidade de tudo o que poderá acontecer com a pátria brasileira.

Sobre a matéria rude ou sobre o instinto sem governo, o espírito sempre triunfa.

A Rússia, ensangüentada e agonizante, caiu incendiada por uma revolução do povo sem chefe.

Quando os grandes espíritos se encaminhavam para as prisões desoladas da Casa dos Mortos, nos confins da Sibéria, o povo deliberou agir por si.

E, nos horrores do morticínio descalculado, nadando na sangueira da glória dos czares, a velha Rússia tombou na tragédia do anarquismo, sem Deus e sem Lei.

Agora, que eu estou falando para um grupo de intelectuais estudiosos, cabe-me o dever de pedir-lhes, pela Pátria, que continuem, até onde possível, estudando, para que integrem, depois, as fileiras daqueles que trazem, sobre os ombros, o destino de uma nação.

A razão nacional está dizendo que o Brasil precisa de intelectuais.

Infelizmente, a instrução, entre nós, ainda é quase um privilégio raro, para as pessoas felizes.

A grande parte moça do povo brasileiro ainda procura, em outras fontes de atividade humana, o meio de subsistência, que não o das profissões liberais.

Se ainda reclamamos falta de braços para os nossos campos e para as nossas fábricas, devemos tal fato a este mesmo estado de transição e de dúvidas que o país atravessa.

Os últimos telegramas chegados da Argentina anunciam que milhares de brasileiros estão procurando trabalho nas plantações de trigo daquele país amigo e vizinho.

Seduzidos por ordenados melhores, os nossos patrícios abandonam a terra de nascimento e buscam a conquista do pão quotidiano em outras terras estranhas à própria voz do sangue e da nacionalidade.

Enquanto isso se verifica, estamos, felizmente, procurando integrar a nação em um ritmo de ordem e de paz, onde os nossos filhos trabalham em sossego, sob a guarda sagrada do pavilhão verde amarelo.

Mas a instrução ainda não criou excessos nem superabundâncias.

Seria paradoxo afirmar que se deveriam fechar as universidades para que se evitasse o congestionamento de homens instruídos nos canais da pátria brasileira.

O sertão pátrio, despovoado, ainda não conseguiu fascinar a ambição dos formados.

Esta é que é a grande verdade.

Em grandes partes do território brasileiro, afastadas das praias confortáveis e das avenidas asfaltadas, o rábula ignorante e passadiço ainda é o representante da interpretação das leis e o charlatão inculto e supersticioso ainda detém a última palavra sobre a arte de curar.

É forçoso, portanto, que se confesse o grande mal existente no amontoado de formados nas capitais e nas cidades grandes.

Mas, o mal é este e apenas este.

Precisamos, para a construção e reerguimento do Brasil, voltar as nossas vistas para o interior abandonado.

Precisamos de homens cultos, treinados de inteligência e de espírito, para auxiliar o descobrimento do Brasil, com a conquista do interior.

Infelizmente, um grave destino histórico tem, desde a descoberta da terra, amontoado no litoral, as nossas melhores reservas intelectuais.

Foi preciso que existisse a ambição do ouro para que o bandeirante penetrasse o sertão e erguesse a beleza das cidades de interior.

É preciso, agora, a conquista intelectual dos latifúndios.

Para os jovens que conquistaram, com denodo e coragem, a primeira vitória de um curso secundário, este problema é digno de atenção e de estudos.

Disse que a instrução entre nós, ainda é falha e incompleta, não pela qualidade dos estabelecimentos existentes, mas pela quantidade pequena de fundações de ensino.

Nestas condições, quem teve a grande felicidade de conseguir, com êxito, a conquista dos primeiros triunfos, goza de uma situação de privilégio, representando insignificante minoria de alfabetizados, diante da grande massa dos que se desviam dos bancos escolares.

E, se o Brasil precisa de homens preparados para a sua formação, remodelação e vida nova, cabe a estes raros possuidores de um diploma de ginásio o dever nacional, quase a obrigação moral de não recusar o seu concurso para as grandes necessidades da pátria.

Brasil de amanhã, jovens que me ouvem, tenham sempre em mente que o indivíduo, trabalhando, não visa, unicamente, os seus interesses imediatos e diretos.

Acima das conveniências individuais de cada um de nós, existe, muito maior, uma razão social que fala mais alto e que merece atenção.

Eu tenho plena confiança na geração de amanhã.

A nova literatura, representada e amparada, em nossa terra, por um pequeno grupo de talentos novos, já está apontando, para o nosso futuro, os verdadeiros rumos da grandeza nacional.

A inteligência já se começa a mostrar, na confusão das coisas confusas em que o interesse individual arrastou o Brasil.

O governo Getúlio Vargas, se bem que estribado ainda no imediatismo de uma forma totalitária e importada, já compreendeu que o rumo Oeste significa a espinha dorsal de organismo patricio.

Enquanto, num verdadeiro milagre que espanta e surpreende, surge, em pleno sertão goiano, a cidade menina Goiânia bela, apromptem-se os trilhos das estradas de ferro em demanda ao Mato Grosso, furando sertões, descobrindo outro Brasil.

Enquanto isto se verifica, é necessária, também, a marcha dos intelectuais.

Abraçando as profissões diversas, relacionadas ao estudo, à inteligência e ao espírito, estamos vivendo uma das grandes necessidades do país.

Prestando, depois, o nosso concurso ao povoamento intelectual do interior do país, estaremos satisfazendo a uma precisão imediata e inadiável da nossa querida terra.

Com o livro e com a idéia, faremos os alicerces de uma pátria grandiosa, edifício soberbo, orgulhoso e imponente, que há de perdurar por toda a posteridade.

Outro problema diretamente ligado aos destinos da pátria é o problema religioso.

Estamos assistindo, neste momento de confusão da vida universal, à tentativa inútil de povos desorientados, que tentam, sobre as pedras de vãs pretensões humanas e mesquinhas, construir nova Torre de Babel no cenário mundial.

Na Galiléia suave e longínqua de uma época de paz, o homem justo pregou o amor ao próximo e igualdade humana.

Ainda vivendo, cheia de doce poesia, na alma agradecida dos povos redimidos, ainda canta a frase de profunda filosofia e de terna poesia: - "Amai-vos uns aos outros".

Enquanto isto, potências que se desviaram pela cruel ambição de homens sem estudo, querem, no palco do mundo, proclamar a seleção das raças e a diferenciação de origem.

Sem religião e sem Deus, editam-se manifestos aberrantes à civilização hodierna, onde são calcados aos pés os mais doces sentimentos da alma humana.

Batem, contra as pedras milenares da Basílica de São Pedro, as flechas impotentes das teorias absurdas.

Esquecem-se, tolos e mesquinhos, estes homens que se improvisaram chefes, de que, no bojo da História, dormem vencidos os pigmeus tiranos que se propuseram a demissão de Deus.

No silêncio milenar das catacumbas, à sombra da paz beatífica da religião de Jesus, dormem o sono eterno os mártires perseguidos e imolados.

Mas, também, à sombra do próprio mundo, a Igreja de Deus atravessou os séculos, para continuar vencedora à luz dos dias atuais.

Inútil pretensão de povos bárbaros!

Derrama-se o sangue inocente dos judeus perseguidos; caem os templos, na voragem cega dos incêndios calculados.

E os homens passam e a Igreja fica.

Mas, na desorientação das lutas religiosas, os povos precisam de ser guiados.

O Brasil, terra de Vera Cruz, terra de Santa Cruz, tem, abençoando a sua capital maravilhosa e rica, a imagem consoladora do Cristo Redentor.

Aprendemos, com os nossos pais, as orações singelas, que falam de Deus e falam do Céu.

Aprendemos, no ambiente singelo das nossas capelinhas simples, a gozar o consolo muito doce e muito amigo da divina religião de Jesus.

Iluminado pelo Cruzeiro do Sul que o abençoa do infinito vago com os seus braços de luz, o Brasil, sob o amparo direto da Igreja de Cristo, educa-se na formação de seu caráter, firma-se na formação moral de seus filhos e de sua gente.

Temos este grande patrimônio a zelar, confiado que nos foi pela tradição de quase quinhentos anos vividos e passados.

A confusão já se manifesta nos povos europeus, exteriorizando-se na brutalidade das guerras e no absurdo bárbaro das sangueiras derramadas.

O homem, que nasceu para ser livre, geme, nos países coloniais, sob o peso primitivo das guerras de conquista.

A mocidade, abandonando os livros e destruindo as imagens, no furor inconcebível de loucos iconoclastas, volta-se para os quartéis, na expectativa de novas hecatombes.

Enquanto isto, os povos americanos trabalham em paz e criam uma nova civilização que há de espantar o mundo.

O nosso grande dever, a nossa obrigação máxima e suprema é, justamente, a conservação do estado atual de passividade e de labor honestos.

Conservando o espírito religioso do povo brasileiro, estaremos mantendo uma época de progresso e de empreendimentos admiráveis.

Uma doutrina que fala de paz, de fraternidade e perdão, deve ser o alimento espiritual das raças pacifistas.

Educados na serenidade dos lares brasileiros, onde se aprende o ensinamento suave das palavras de Cristo, deveremos, em nossa missão de responsáveis pelos dias futuros, perpetuar conosco, as tradições que se enraizaram e se firmaram dentro do próprio patrimônio da raça e do continente.

A revolução e a balbúrdia se originam, sempre, do grande orgulho humano.

Tremem as velhas potências, na angústia das perseguições e na tentativa inútil de novos credos exóticos.

Dorme o Brasil feliz, abençoado pelo sol poente da região tropical, ao embalo nostálgico e comovente das Ave-Marias que os sinos vão rezando.

Preparando a geração, sob o amparo da fé, teremos a força bastante para, na hora, que talvez se aproxima, das tentativas de conquista, impor, ao bárbaro ou ao louco, uma alma temperada no patriotismo sadio e um espírito firmado das convicções de uma fé inabalável.

Eu lhes disse, em princípio, meus caros amigos, que não me aventuraria na prática usual dos conselhos de paraninfos.

As minhas palavras, recebam-nas, tão somente, como as palavras de um amigo íntimo, colega mais velho que deseja, a vocês, as melhores felicidades pela vida em fora.

Lembrem-se mais uma vez, das palavras de Guerra Junqueiro e que eu gosto tanto de repetir aos moços:

"Como um bando imortal de grandes águias brancas,

Vós sois, no fim de tudo, as rijas alavancas,

Que hão de erguer este mundo ao nível do ideal."

Tendo tido a oportunidade feliz de fazer, com vocês, um pequeno curso de literatura pátria, tenho conhecimento direto e sincero da capacidade e da inteligência de cada um.

Por isto, eu não duvido do triunfo de vocês, em qualquer carreira que procurem para a continuação dos estudos.

Felicito, na pessoa de vocês, os pais que se sentem orgulhosos dos filhos vitoriosos; felicito ao Ginásio Dom Lustosa, pelo modo brilhante com que pode preparar mais uma turma de jovens estudiosos para as reservas pátrias; felicito ao próprio Brasil que conquistou, neste momento, mais um acervo de capacidades, para as suas fileiras de trabalho e de ação.

O Ginásio Dom Lustosa, estabelecimento que eu conheço intimamente em suas grandes qualidades e nos notáveis benefícios que vem prestando ao ensino brasileiro, tem a primazia de se orgulhar de vocês, educados ali e instruídos ali.

Não se poderia esperar outra coisa da ação dinâmica e eficaz dos reverendíssimos padres dos Sagrados Corações.

Donos de admirável capacidade de trabalho, possuidores de larga visão da mais moderna pedagogia e dos mais eficientes métodos de educação, este sacerdotes, pelas virtudes de sua alma boa, pelos seus dotes de espírito e de inteligência, estão, no Brasil central, desenvolvendo um serviço notável em favor da pátria, preparando, com esmero e carinho, a alma da raça que vibrará no futuro.

Na pessoa de seu digno diretor Padre Felisberto Braun, encarnação de todas as virtudes sinceras e de todas as qualidades de inteligência e coração, felicito ao Dom Lustosa pelo êxito obtido com a nova turma.

Agora, meus amigos, só me resta repetir, a vocês, as palavras que Humberto de Campos, cantou para a Juventude, para esta mesma juventude que vocês simbolizam:

"A força canta em ti o seu hino de guerra.
Teu sistema arterial tem bramidos ciclóticos;
Entretanto, é a maior das purezas da terra
Teu busto senhoril de palmeira dos trópicos.

Tu és a árvore real de uma flora fecunda,
Florejante esplendor, forte glória de um clima;
Se te prende a raiz da carne é terra imunda,
Abres a alma no Azul, dando flores, em cima.

Deus não queira, porém, anjo, ferir-te um dia,
Nem te queime de sol, flórea árvore virente;
Terra, sê pura; ave, olha o céu; corça vadia
Continua a correr, sê livre, eternamente."

Lúcio Mendonça de Azevedo
Patrocínio (MG), 1938